



»
LEONEL SANTOS

26º ANGRAJAZZ. O ANO DE TODOS OS IMPREVISTOS (1)

Quando comecei a escrever este texto, lembrei-me de um filme antigo: «O ano de todos os perigos». Ora este foi, para o Angrajazz, o ano de todos os imprevistos. Imprevistos, surpresas, peripécias, acidentes, houve de tudo um pouco, num festival numa ilha no meio do oceano, que está habituado a prever e que gosta de arriscar.

ORQUESTRA ANGRAJAZZ COM JOÃO RIBEIRO

Deixem-me dizer que a minha primeira surpresa do festival aconteceu escassos minutos após o início do concerto, e foi uma boa surpresa. Tinha a orquestra começado a tocar quando ela desferiu o primeiro murro, antecipando o que havíamos de ver e ouvir. O punch (murro) é uma característica das orquestras históricas de Jazz, os uníssonos sonoros atordoantes; e creio que eu devo ter escrito noutros anos que faltava punch à orquestra. Ora a surpresa tem um significado que não residirá apenas nos arranjos mais ousados, mas têm, a meu ver, um significado: a orquestra perdeu o medo. Em especial os sopros revelaram uma consistência a que não estávamos habituados, e acredito que marquem uma nova era na vida da Orquestra Angrajazz. Confirmá-lo-emos no futuro, mas em 2025 foi uma surpresa saborosa. Foi bom observar que ela dispõe agora de uma secção de trombones completa - anos houve em tinha trompas em vez de trombones (mas trompas não têm a dinâmica dos trombones!), e há muitos rostos novos (um até muito jovem, de oito anos!); e foi um prazer ouvir esta nova Orquestra Angrajazz. E diria até que, se em anos anteriores a secção rítmica tinha evoluído



EKEPE NKWELLE QUARTET

até à eficiência, talvez a direcção da orquestra deva agora, de novo, virar a sua atenção para ela.

O concerto deste ano tinha como convidado João Ribeiro, um jovem cantor que se tem feito notar como intérprete do American Song Book, na pegada de Frank Sinatra; e o repertório foi exactamente o vasto repertório de Sinatra. E ele adequou-se também à orquestra, que tem trabalhado o cancionário americano com regularidade, e o resultado foi uma boa surpresa.

«Fly Me to the Moon» com um arranjo curioso, «Pennies from Heaven», «How About You» - João Ribeiro canta de mão no bolso, forçando a imagem do crooner - um blues: «Learning the Blues»; «My Funny Valentine» à maneira de Chet Baker, mas aqui seria inevitável - frágil e amarga, a forma de Chet Baker é defini-

tiva -; um «Cheek to Cheek» - próximo de Ella, que não é a forma redonda, do canto de João Ribeiro; e «Come Fly with Me» a rematar. João Ribeiro possui uma excelente dicção, timbre grave, mas muito redonda, sem arestas, talvez algo excessivamente smooth (para o meu gosto), mas fez um excelente espectáculo, a que não faltou uma gracinha de tarola e escovas. Boa interacção com uma orquestra cheia de energia, em estado de graça.

STEFANO DI BATTISTA QUINTET

O segundo imprevisto do festival aconteceu logo a seguir, ainda na primeira noite: o quinteto de Stefano di Battista que não chegava. Experiente (ou calejada: 26 anos) a direcção do festival há muito que leva os músicos para a ilha de véspera, mas ainda assim os acidentes acontecem. O grupo

de Di Battista tomou o avião, no dia anterior, de Roma para Lisboa, mas ele atrasou-se e perdeu a ligação. Não havia mais voos para esse dia e procurou-se que os músicos voassem para a ilha no dia seguinte de manhã. Mas os voos estavam lotados! A solução foi, enfim, eles voarem para Ponta Delgada e daí para a Terceira no voo doméstico da SATA. Que... se atrasou. E enfim, os músicos aterraram nas Lajes à meia-noite e daí o transfer levou-os directamente para o Centro Cultural, onde o público os aguardava calmamente: afinal já está habituado aos imprevistos da insularidade. Enfim, dois dias com três voos, pernoita em Lisboa, saltos de um para outro lado, refeições, sem ir ao hotel e sem mudar de roupa, directamente para o palco do Angrajazz; o sound check foi feito naquele momento, à

di QUINTA. 23.10.2025

OPINIÃO 21

frente da plateia, ao som de «Tu vuò fa l'americano», um popular tema napolitano dos anos 50. O que impressionou foi em parte a capacidade do quinteto de superar as adversidades, mas ao profissionalismo juntou-se a alegria e energia que transpuseram para o palco. O repertório, baseado na música popular italiana, e que o próprio nome do disco que vieram tocar ajuda - La Dolce Vita, nome também da obra-prima de Federico Fellini - mas este é um quinteto de excelentes músicos. Di Battista é um bopper de formação e coração, e não trouxe novidades para Angra, ou transgressão, mas não eram esses os seus objectivos.

Sound check feito, o quinteto prosseguiu o concerto com «La vita è bella» (nome do filme de Roberto Benigni), «Caruso» e «Via con me» de Paolo Conte, «La Dolce Vita» de Nino Rota e um encore que juntou «Come Together» (Beatles) e «Il Buono, Il Brutto, Il Cattivo» (ou «O bom, o mau e o vilão»), música de Ennio Morricone para o épico de Sergio Leone.

Alegria, energia, bons improvisadores num quinteto equilibrado empático, onde a música fluiu locaz. Uma primeira noite a acabar muito bem!

SAMUEL LERCHER TRIO

Talvez que o concerto que abriu a sexta-feira tenha sido o menos imprevisível do festival. Com naturalidade francesa, a viver há muito em Portugal, Lercher tem tido uma carreira discreta, mas consistente; tendo dedicado a sua actividade ao ensino e à criação. A sua música denuncia formação clássica, a par das suas origens francesas, reconhecendo influências de Chopin e Debussis, a par de Brad Mehldau e Tigran Hamasyan, e... a chanson.

O trio é a sua formação natural, e para este concerto ele reuniu os músicos que gravaram o seu terceiro disco, «Fractal», de 2024, Bruno Pedroso e André Rosinha.

Temas retirados do disco, «Simon's Groove»; «Or'Anda, Desanda», sobre uma canção tradicional de Trás-os-Montes (Vinhais); «P'ti Voyou», malandrinho, maroto, um tema



STEFANO DI BATTISTA

onde tudo muda, a melodia, o ritmo, a métrica; «Salvadora», melancólico, sobre a saudade ou o Inverno; e ainda «Life is an Epic Journey», nome do próximo disco e «The Little Shepherd», um clássico de Claude Debussis, a denunciar a sua admiração pelo compositor.

EKEP NKWELLE QUARTET

Mas a noite traria ainda uma grande surpresa.

Pouco se sabia da jovem cantora, Ekep Nkwelle, sem nenhum disco gravado, e com apenas alguns vídeos na internet, a par dos créditos que sempre oferecem os diplomas da Duke Ellington School of the Arts ou a Juilliard School. Apesar disso, do que tinha encontrado, eu tinha expressado na apresentação do festival as minhas expectativas elevadas para Ekep, e não me enganei: ela tem tudo para ser, muito rapidamente, uma das grandes do Jazz vocal internacional; assim ela sabia chamar a atenção dos grandes produtores.

Porque dotes vocais não lhe faltam.

Filha de pais camaroneses, nascida nos EUA, ela chegou ao Jazz quase por acaso, porque as suas referências musicais remetiam mais para o R&B e a música popular negra americana, e a igreja pentecostal que, como se sabe, foi a escola de inúmeros músicos de Jazz. A heterodoxia das referências e influências de Ekep são óbvias no seu repertório, menos vulgar, mas também no tratamento, nem sempre jazzy (o que, convenhamos, não é um mal em si).

Ekep Nkwelle começou com «Never Will I Marry», uma canção popularizada pela voz de Nancy Wilson, que tinha Cannonball Adderley no saxofone, seguindo com uma espécie de bolero, «Golden Boys», tema de um musical da Broadway, que teve também um disco de Art Blakey; e um outro tema que começou por se assemelhar a um hino de igreja, mas curiosamente revelou também outra influência

maior: Abbey Lincoln; naquela forma única de atirar palavras como pedras, em «Caged Bird». A canção seguinte, «Good Morning Heartache», é um clássico dos anos 40, e foi cantado por toda a gente, a começar por Billie Holiday; e tive a sensação estranha de estar a ouvir, em simultâneo, de novo Abbey Lincoln, e... Joni Mitchell!!!! Do Brasil, com Djavan, veio «Amazon Farewell», e curiosamente esta foi uma das interpretações mais genuinamente jazzy de todo o concerto, com uma longa demonstração de como o trio poderia sobreviver sem a cantora, com a jovem pianista em evidência num inspirado solo. Um espiritual antecipou o clássico de Duke Ellington «Come Sunday», só voz e piano, um piano económico, como convinha, a suportar a voz profunda de Ekep; e um encerramento com um blues, o clássico «See See Rider».

Deixem-me repetir: a voz de Ekep Nkwelle tem tudo: dinâmica, volume, profundidade, amplitude; e apenas tenho a apontar-lhe um «excesso de versatilidade». Ekep tem tudo, e por diversas vezes ela me lembrou a jovem Cecile McLorin Salvant, e desde há muito que eu não ouvia uma voz assim. Assim a sorte e, como disse, uma boa produção, a acompanhe. Uma última palavra para a banda; uma superbanda composta de ilustres desconhecidos. Em primeiro lugar a pianista, Sequoia Snyder, uma jovem que é um vulcão, e uma acompanhante atenta, que esteve sempre na frente da batalha, discreta quando necessário, distribuindo papéis quando era preciso, disparando como um ponto de lança. Uma pianista que foi do melhor que passou no festival. E, se fosse necessário, ela é uma protégée de Jason Moran. Igualmente bem esteve a baixista, outra jovem, Liany Mateo, energética, de uma alegria esfuziante. Pouco melódica, ela foi sempre poderosa, partilhando com a bateria a metade da secção rítmica que lhe competia. E a bateria, enfim, Anwar Marshall, proficiente, seguro, voluptuoso, empático num quarteto empático.

Uma enorme surpresa numa noite memorável!



»
LEONEL SANTOS

26º ANGRAJAZZ. O ANO DE TODOS OS IMPREVISTOS (2)

DAVID MURRAY QUARTET

A última noite começou bem. Começou até muito bem, com um dos mais poderosos saxofonistas dos últimos cinquenta anos, David Murray. Murray é sobejamente conhecido em Portugal: já o vimos em todas as formações possíveis, do solo ao octeto ao quarteto de saxofones (o World Saxophone Quartet), desde o final dos anos 70 ao período em que viveu em Sines; e ele já ganhou um lugar na história do Jazz. Murray tem um estilo particular, muito pouco melódico, volumoso e rugoso, nos limites, aparentado do saxofonismo cru de Archie Shepp, mas mais rápido, jogando na atonalidade, nas rápidas mudanças de ritmo e volume, consistente no discurso, sem nunca perder de vista a composição, apenas sugerida, por vezes; dir-se-ia um falso músico free.

Murray começou convincente, com «Come and Go» e «Francesca», de «Francesca» de 2024, ou «Anita et Anita» de «Seriana Promethea» de 2022, um standard que não identifiquei e um outro tema de inspiração parkeriana. Tudo gira à volta do saxofone de Murray, e ele é definitivo, também nas baladas. Aqui e ali ele oferece espaço à pianista, Marta Sanchez, estrela em ascensão, mas o papel do piano nunca foi o de distribuição de papéis tradicional, reservando-se quase sempre apenas para os solos. Esta sobrevalência do saxofone estendeu-se ao resto do quarteto, ao contrabaixo, a que nos pareceu faltar madeira, e à bateria, poderosa e eficiente. «Vai tudo à frente», pensei por diversas vezes sobre o saxofone de Murray mas, tinham já passado há muito os noventa minutos do concerto quando



ARTEMIS

Murray anuncia uma convidada para cantar «Oiseaux de Paradis». E Francesca Cinelli sobe ao palco para cantar, ou melhor, dizer e dançar; e para concluir o desastre cantou ainda um samba. Enfim, não importa muito se Francesca, a nova esposa de David Murray, sabe ou não cantar ou se apenas estava deslocada no palco; ela simplesmente estragou o que estava a ser um grande concerto. Este foi o último dos acidentes do Anграjazz, e não correu bem. Felizmente que as surpresas não tinham acabado.

ARTEMIS

O Artemis é, não apenas um projecto musical, como também um projecto social e político, feminista. Quinteto de mulheres, ele pretende afirmar a possibilidade das mulheres tocarem Jazz, mas verdadeiramente elas cinco têm uma carreira que o afirma desde há muito, e recordemos que Renee Rosnes tocou neste mesmo palco há apenas dois anos, dirigindo um quinteto misto. O repertório percorreu basicamente o terceiro disco do gru-

po mas não só, «Olive Branch» e «Galapagos» da pianista; «Komoreby» de Noriko Ueda; um original arranjo de Rosnes para o clássico de Monk, «Hackensack»; um bonito e inesperado «Little Cramberry» de Allison Miller e, muito actual, uma versão de «What The World Needs Now Is Love» de Burt Bacharach.

Temas de toda a banda com arranjos da experiente Renee Rosnes, denunciando que, de certa forma, este é um projecto seu e, mesmo se o Artemis é constituído por cinco instrumentistas de excepção todas elas líderes e compositoras e improvisadoras, é ela, Renee, que tudo dirige, a sua estética, a sua forma.

Artemis pratica um jazz clássico, um post-bop evidente, e gostei de ver como elas dispensavam as pautas, coisa que não é vulgar nos dias que correm. E vale a pena citá-las, até porque elas foram as responsáveis por um grande concerto. Já falei da competência de Renee Rosnes, mas ela tinha ao lado uma embaixadora da escola do contrabaixo japonês, Noriko Ueda, segura e dura. Comple-

tando a secção rítmica estava a veloz e atenta Allison Miller, ora precisa e delicada, ela parece por vezes dançar em cima da bateria, ora excessiva e espectacular. E na frente de palco a jovem do quinteto, Nicole Glover, uma saxofonista a crescer muito rapidamente, discreta embora, mas voluptuosa e sonora por vezes, a roubar os aplausos no último tema.

Deixei para o fim Ingrid Jensen, a mais arrojada do quinteto, uma trompetista acutilante e realmente excitante. Subtil e doce nas baladas, aguerrida nos tempos mais rápidos, inteligente e fina, grande Ingrid Jensen! Sinal dos tempos, imprevisto, ou talvez não, um grupo de cinco mulheres fez o momento mais alto do festival de Jazz de Angra do Heroísmo. A par dos concertos principais, na sala do Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, o festival organizou também o Jazz na Rua, com concertos no restaurante Verde Maçã, Hotel Caracol, Café Aliança, Quinta dos Açores, Pastelaria Central, Havana Bar, Livraria Lar Doce Livro, Loja Expert e Biblioteca Luís da Silva Ribeiro; uma acção de divulgação na Escola Tomás Borba, e uma masterclass no CCCAH; e ainda uma exposição de fotografias no Centro Cultural, de Rui Caria. Os grupos envolvidos foram o Bruno Sebastien Quarteto, o Wave Jazz Ensemble, o João Ribeiro Quarteto, e o Samuel Richer Trio.

No ano de todos os imprevistos, o Anграjazz confirmou-se, de novo, como um dos mais importantes festivais de Jazz nacionais.

(Leonel Santos esteve no Anграjazz a convite do festival)